



TRADUÇÃO

SEDE¹³¹

DE AMÉLIE NOTHOMB

**TRADUÇÃO DE EDISON FABRIS JUNIOR E RAPHAEL
MIECZNIKOWSKI MACIEL**

REVISÃO DE NATHALIE A. M. DESSARTRE

Edison Fabris Junior

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

fabrisjunior@hotmail.com

Raphael Miecznikowski Maciel

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

raph.maciell@gmail.com

Nathalie A. M. Dessartre

Universidade Federal do Paraná (UFPR), Brasil

nathalie921@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v5i2.40768>

Recebido em: 02/08/2021

Aceito em: 16/12/2021

Publicado em março de 2022

Chegou o momento: me deito sobre a cruz. O que carreguei, de agora em diante, vai me carregar. Vejo chegar os pregos e os martelos. Mal consigo respirar de tanto medo que tenho. Pregam os meus pés e as minhas mãos. É rápido, mal me dou conta. E então erguem minha cruz entre as dos meus irmãos.

É agora que descubro este sofrimento inacreditável. Ter pregos atravessando as palmas não era nada se comparado à sensação do meu corpo pesando neles e o que vale para as mãos, se multiplica por mil para os pés. A regra consiste, acima de tudo, em não se mexer. O menor movimento decuplica uma dor já insuportável.

Digo a mim que vou me acostumar, que os nervos não podem sentir por muito tempo tamanho horror. Descubro que eles são altamente capazes de senti-lo

¹³¹ Tradução das páginas 40 a 49 do romance *Soif*, de Amélie Nothomb, publicado em 2019.



e que esta aparelhagem registra as variações mais ínfimas, bem como as mais desmedidas.

Pensar que quando arrastava esta cruz, considerava que o objetivo da vida consistia em não carregar fardos pesados! O sentido da vida consiste em não sofrer. Isso mesmo.

Não há escapatória. Sou todo sofrimento. Nenhuma ideia, nenhuma lembrança pode me libertar.

Olho para aqueles que me olham. “Como se sente com o que está acontecendo com você?” É o que leio nos olhos incontáveis, quer eles sejam compassivos ou cruéis. Se devesse respondê-los, não encontraria as palavras.

Não sinto raiva dos cruéis. Em primeiro lugar, porque o sofrimento monopoliza toda minha consciência e, depois, porque se minha dor puder proporcionar prazer a alguém, prefiro assim.

Madalena está aqui. Ver a minha mãe havia me desagradado, ver minha amada me emociona. Ela é tão linda que a compaixão não a desfigura. Sofro a ponto de minha alma uivar, mesmo que minha boca se cale, em virtude de não conseguir imaginar um grito adequado.

O uivo da minha alma penetra em Madalena. Não é uma metáfora. Será o excesso de dor ou a aproximação da morte? Vejo o amor de Madalena sob forma de raios. A palavra raio não é exatamente apropriada, é simultaneamente mais delicado e mais redondo, mais concêntrico, é uma onda luminosa que emana dela e que recebo, e que é tão suave quanto o que dou a ela é doloroso.

Vejo o uivo da minha alma, ou melhor, a minha alma sob a forma de uma correnteza repugnante que encontra a alma amorosa de Madalena e se mescla com a dela. E sinto, senão um alívio, uma alegria muito misteriosa.

A sede, que havia guardado à guisa de carta na manga, volta a se manifestar em mim. Era uma excelente ideia. O extremo tormento da garganta permite escapar do horror do meu corpo dilacerado, há uma salvação concreta nesta alteração.

A onda que me liga hoje a Madalena é oblíqua e essa obliquidade se deve menos à minha posição mais elevada do que à natureza da sua luz azul. Minha amada e eu exultamos secretamente do que somente nós sabemos.

E quando digo somente nós, significa que meu pai não sabe de nada. Ele não possui corpo, e a plenitude do amor que Madalena e eu vivemos, neste momento,



emana do corpo assim como a música do instrumento. Somente se aprendem verdades tão fortes sentindo sede, amor e morrendo: três situações que necessitam de um corpo. A alma, nesse caso, também é indispensável, é claro, mas não pode, em nenhum caso, ser suficiente.

Seria cômico. Não me atrevo a rir, me arrancaria um espasmo de dor. Se realmente precisasse morrer, não precisaria, em nenhum caso, que fosse dessa maneira. Tenho um medo apavorante de arruinar minha morte. A minha dor é tanta que poderia muito bem perder o grande momento.

Esta crucificação é um engano. O plano de meu pai consistia em mostrar até onde se pode ir por amor. Se essa ideia não fosse somente uma tolice, poderia permanecer inútil. Infelizmente, ela é apavorantemente nociva. Filas¹³² de homens vão escolher o martírio por causa do meu exemplo imbecil. E se parasse por aí! Mesmo aqueles que tiverem a sabedoria de optar por uma vida simples, serão contaminados por isso. Pois o que meu pai me impõe, testemunha um desprezo tão profundo pelo corpo que a permanência desse sentimento será perene.

Pai, você foi simplesmente ultrapassado pela sua invenção. Poderia se orgulhar dessa constatação, que prova seu gênio criador. Em vez disso, sob o pretexto de dar uma lição edificante de amor, coloca no palco a punição mais hedionda e com as consequências mais pesadas que se pudesse imaginar.

No entanto, começava bem. Gerar um filho solidamente encarnado era uma boa história, você poderia ter aprendido muito com ela, se somente, de todo coração, tivesse tentado entender o que lhe escapava. Você é Deus: que sentido este orgulho pode ter para você? Se trata disso mesmo? O orgulho não é errado. Não, vejo nisso uma característica ridícula: de suscetibilidade.

Sim, você é suscetível. Outro sinal: você não suportará as revelações diferentes. Você se ofenderá com o fato de os homens das antípodas ou de ao lado vivenciarem a verticalidade de diversas maneiras. Às vezes, com sacrifícios humanos que você terá a desfaçatez de julgar bárbaros!

Pai, por que age com mesquinha? Estou blasfemando? É verdade. Então me castigue. Pode me castigar ainda mais?

¹³² N. do T. Usada como referência a citação “En bas, sur les chalands lourds, sur les sentiers de halage, des théories d’hommes vêtus de gris et coiffés de petites calottes rouges...” do conto “Pays oublié” de Isabelle Eberhardt publicado no livro *Contes et paysages*. Paris : La Connaissance, 1925, p. 82.



Tome nota: eis que sofro ainda mil vezes mais forte. Por que faz isso comigo? Critico você. Disse que não o amava? Estou com raiva de você, estou zangado com você. O amor autoriza tais sentimentos. O que você sabe do amor?

É aí mesmo que mora o problema. Você não conhece o amor. O amor é uma história, é preciso ter um corpo para contá-la. O que acabei de dizer não faz nenhum sentido para você. Se somente tivesse consciência de sua ignorância!

Minha dor atinge tais proporções que espero morrer o quanto antes. Sei, infelizmente, que ainda falta muito tempo. A chama da vida não está oscilando. Acima de tudo, não se mexer. Pelo menor movimento que seja, o preço que se paga é inconcebível. O que também é terrível com a indignação é que ela causa sobressaltos: os indignados são incapazes de ficar parados.

Aceite, meu amigo. Sim, é a mim que estou falando. Sentir amizade por si mesmo, é o que preciso. Sentir amor, seria desagradável: o amor leva a excessos que seria doentio infligir a si mesmo. O ódio também, mas é mais injusto. Sou meu amigo, sinto afeto pelo homem que sou.

Aceite, não que seja aceitável, mas porque sofrerá menos. Não aceitar é bom quando é útil: neste caso, não servirá para nada.

Será que você não tem em mãos um tipo de bilhete premiado? As três situações mais radicais, você as resumiu: a sede, o amor e a morte. Você está na intersecção das três. Aproveite, meu amigo. Este verbo é infame. Mesmo assim, não posso dizer "alegre-se", pareceria que estou zombando de mim mesmo.

A realidade é essa: convém dizê-lo, vivo uma experiência crucial. Não posso deixar este sofrimento de lado, por isso me refugio na sede para, se não escapar dele, pelo menos contorná-lo.

Que sede sublime! Uma obra-prima da alteração. Minha língua se transformou em pedra-pomes e quando a esfrego no céu da boca, é abrasivo. Explore a sua sede, meu amigo. É uma viagem, conduz você a uma fonte, que bonito! Você está ouvindo? Sim, é a música certa, tem que prestar atenção, há músicas que se merecem, este murmúrio terno me alegra até o mais profundo do meu ser, sinto na boca este gosto de pedra. Haverá um país tão pobre que em seu idioma beber e comer serão um único verbo usado com a máxima parcimônia, beber é um pouco como comer seixos líquidos – não, a afirmação é válida somente se a água fluir, e na



minha viagem, ela não flui, ela jorra, me deito de tal forma que nos conectamos, ela me ama como ama a fonte preferida. Beba de minha fonte sem limites, meu amado, que sua sede o satisfaça e nunca se sacie, pois essa palavra não existe em nenhuma língua.

Como não se espantar que a sede conduza ao amor? Amar começa sempre ao beber com alguém. Talvez porque nenhuma sensação seja tão pouco decepcionante. Uma garganta seca representa a água como o êxtase, e o oásis pode resistir à espera. Aquele que bebe depois de atravessar o deserto nunca se diz: "é exagero". Oferecer uma bebida àquela que estamos prestes a amar é sugerir que o deleite, ao menos, estará à altura da expectativa.

Fiz-me carne em um país de seca. Não somente tinha que nascer onde imperasse a sede, mas também onde açoitasse o calor.

Pelo pouco que conheço do frio, ele teria adulterado o cenário. Não é somente porque anestesia a sede, mas porque mascara as sensações anexas. Aquele que sente frio somente sente frio. Aquele que está morrendo de calor é certamente capaz de sofrer de mil coisas ao mesmo tempo.

Ainda estou bem vivo. Estou suando. De onde vem todo este líquido? Meu sangue circula, escorre das minhas chagas, a dor atinge seu pico, dói tanto que a geografia da minha pele se encontra modificada, tenho a impressão de que as áreas mais sensíveis do meu ser se localizam, de agora em diante, nos meus ombros e nos meus braços, é essa posição que é intolerável, pensar que um ser humano algum dia teve a ideia da crucificação, não é para qualquer um, o fracasso do meu pai está nessa constatação, sua criatura inventou tais suplícios.

Ame o seu próximo como a si mesmo¹³³. Ensino sublime cujo contrário estou proferindo. Aceito esta execução monstruosa, humilhante, indecente, interminável: aquele que a aceita não se ama.

Posso me refugiar atrás do erro paterno. De fato, seu projeto resultava do engano puro e simples. Mas eu, como pude me enganar a esse ponto? Por que esperei

¹³³ N. do T. Usada a referência bíblica para traduzir a citação "*Aime ton prochain comme toi-même*" de acordo com a Bíblia NVI: A bíblia do século 21. Tradução de Luiz Sayão. São Paulo: Vida, 2001.



estar na cruz para percebê-lo? Eu o havia suspeitado, é verdade, mas não a ponto de recusar a missão.

A desculpa que me vem à mente é que procedi como qualquer pessoa: vivi o dia a dia sem pensar demais nas consequências. Gosto desta versão na qual fui apenas um homem – e como gostei de sê-lo!

Infelizmente, não posso cobrir o rosto, houve algo pior que a submissão ao pai, pior do que tudo. A amizade que me permiti há pouco chega tarde demais. Se aceitei o inominável, não é apenas em virtude de uma inconsciência que me exoneraria, é porque há em mim o veneno comum: o ódio de si.

Como pude contraí-lo? Tento recuperar na minha memória. Desde que soube a que estava destinado, me odiei. Mas me recordo das lembranças anteriores às lembranças, dos fragmentos em que eu não dizia eu, em que a consciência não me atingia e em que eu não me odiava.

Nasci inocente, alguma coisa foi arruinada, ignoro como. Não acuso ninguém além de mim. Transgressão estranha de se cometer por volta dos três anos. Acusar-se por isso aumenta o ódio de si, outro absurdo. Há um vício de forma na criação.

E eis que, como todo mundo, responsabilizo meu pai pelo meu fracasso. Isso me irrita. Maldito seja o sofrimento! Sem ele, procuraríamos ainda um culpado?

Trabalhador da última hora¹³⁴, tento, por fim, tornar-me meu amigo. Preciso me perdoar por ter me enganado tão gravemente. O mais difícil consiste em me convencer de minha ignorância. Será que realmente eu não sabia?

Uma voz interior me garante que sabia. Então, como pude? Odiar a si mesmo é horroroso, mas eu que pregava “ame o seu próximo como a si mesmo¹³⁵”, me vejo forçado a admitir a lógica: como pude odiar os outros? E odiá-los a esse ponto?

Esta comédia atroz não seria apenas obra do diabo?

Oh, eu não aguento mais ele. Sempre que dá errado, o invocamos. É fácil. De onde me encontro, me permito todas as blasfêmias: não acredito no diabo. Acreditar nele é inútil. Há maldade suficiente sobre a terra sem acrescentar nada.

As pessoas que presenciam o meu suplício são, na maior parte, as que convém chamar de pessoas de bem, digo isso sem ironia. Olho em seus olhos e vejo

¹³⁴ N. do T. Usada a referência do texto bíblico para traduzir a citação “*Ouvrier de la dernière heure*” conforme cita Ricardo Mariz Oliveira em “Parábola dos trabalhadores da última hora – Mateus 20,1-16”, 2020.

¹³⁵ N. do T. Idem Nota 4.



neles maldade mais do que suficiente para fundamentar, não somente minha atual desventura, mas também todas aquelas passadas e as por vir. Até o olhar de Madalena contém essa maldade. Até o meu. Não conheço meu olhar, no entanto sei o que há em mim: aceitei meu destino, não preciso de outro sinal.

Não se satisfazer com essa explicação e nomear de Diabo o que não passa de uma baixeza latente, é adornar a mesquinharia com uma palavra grandiosa e, então, atribuir-lhe um poder mil vezes superior. Uma mulher genial dirá um dia: “Temo menos o demônio do que temo aqueles que temem o demônio.” Não precisa dizer mais nada.

Alguns dirão que, se o bem é batizado com o nome de Deus, é inevitável que o mal também o seja. De onde se tirou a ideia de que Deus é o bem? Será o que aparento? Será que meu pai, que imaginou o que aceitei, é crível nesse papel? Aliás, ele não o reivindica. Ele se considera o amor. O amor não é o bem. Há uma intersecção entre os dois, porém, ainda assim, nem sempre.

E será que ele é mesmo o que declara ser? A força do amor é às vezes tão difícil de diferenciar das correntezas que ela margeia. É por amor pela sua criação que meu pai me entregou. Me deem um exemplo de ato de amor mais perverso.

Não me considero inocente. Aos trinta e três anos, tive tempo suficiente para pensar sobre a monstruosidade de toda esta história. Não existe nenhuma maneira de justificá-la. A lenda afirma que redimo os pecados de toda a humanidade que precede. Se isso for verdade, o que será dos pecados da humanidade que está por vir? Não posso alegar ignorância, já que sei o que vai acontecer. E mesmo se o ignorasse, que tipo de imbecil precisaria ser para duvidar disso?

Por outro lado, como acreditar que meu suplício redime o que quer que seja? A infinidade do meu sofrimento não apaga nem um pouco aquele dos infelizes que o suportaram antes de mim. Até a ideia de uma expiação repugna pelo seu sadismo absurdo.

Se fosse masoquista, eu me perdoaria, mas não sou: nenhum traço de volúpia no horror que sinto. Contudo, preciso me perdoar. No emaranhado de falas que vim despejar, a única que pode se salvar é: perdão. Estou oferecendo um contraexemplo marcante. Perdoar não exige nenhuma contrapartida, é um mero ímpeto do coração que deve ser sentido. Como explicá-lo enquanto estou me sacrificando? Imagine um



ser que com a ideia de persuadir as pessoas a se tornarem vegetarianas, imolasse um cordeiro: seria motivo de chacota!

E eu estou exatamente nesta situação. Ame o seu próximo como a si mesmo¹³⁶, não lhe inflija o que você não suportaria, se ele lhe causou algum dano, não exija o seu castigo, vire a página generosamente. Exemplo: me odeio a ponto de me infligir esta atrocidade, meu castigo é o preço a pagar pelos erros que vocês cometeram.

Como pude chegar até este ponto? Ocorre-me progressivamente que este acúmulo de preterições representa o cúmulo da argumentação a fortiori: se, com o grau de culpabilidade que é meu, consigo me perdoar, então tudo estaria consumado.

Consigo me perdoar?

Há mil maneiras de considerar o meu ato. Impossível determinar a mais hedionda. Tomemos aquela que será oficial: me sacrifico pelo bem de todos. Repugnante! Um pai agonizando chama seus filhos a sua cabeceira e lhes diz:

- Meus queridos, tive uma vida de cão, não me permiti nenhum prazer, exerci uma profissão detestável, não gastei um tostão, e fiz tudo isso por vocês, para que vocês tenham uma bela herança.

Aqueles que chamam essa ideia de amor são uns monstros. Eu a proferi. Assim, tornei oficial que era necessário se comportar dessa maneira.

Tomemos, como exemplo, minha mãe. Repito, é uma mulher melhor do que eu. É tão boa que não está aqui: sabe que sua presença aumentaria minha dor. No entanto, ela não ignora o que está acontecendo comigo. O que ela está sofrendo é infinitamente pior do que eu estou sofrendo, com essa diferença colossal que ela não escolheu, nem o aceitou. Sou aquele que inflige essa dor à própria mãe.

Madalena: ela e eu estamos unidos. Sou apaixonado por ela como ela é apaixonada por mim. Invertemos os acontecimentos: estou no lugar dela, testemunho a crucificação de Madalena sabendo que ela a desejou.

- Vivía um amor louco com você e, todavia, escolhi o suplício público. Boas notícias, amor: você tem o direito de assistir.

¹³⁶ N. do T. Idem Nota 4.



Posso continuar assim por muito tempo. Na assembleia que tenho diante dos olhos, há crianças. Antes da puberdade, somos outros, não inocentes, somos capazes de causar danos, mas não temos filtro, estamos em pé de igualdade com tudo. Neste instante, seres abertos a esse ponto estão se deixando impregnar por tal infâmia.

Sou capaz de me perdoar por isso aí?

Utilizo *isso aí* intencionalmente. Me recuso a me referir à crucificação usando somente “isso”. É excessivamente elegante e precioso. O que estou vivendo é feio e grosseiro. Se ao menos pudesse contar com o esquecimento rápido dos povos! O que mais me dilacera é saber que será comentado pelos séculos dos séculos, e não para criticar meu destino. Nenhum sofrimento humano será tão colossalmente glorificado. Vão me agradecer por isso. Vão me admirar por isso. Vão acreditar em mim por isso.

Por isso não consigo verdadeiramente me perdoar. Sou responsável pelo maior contrassenso da história, e pelo mais deletério.

Não posso alegar a submissão a meu pai. Acumulei as desobediências para com ele. A começar por Madalena: não tinha direito nem à sexualidade nem à paixão. Com Madalena, não hesitei em desobedecer. E não fui punido.

Veja, não foi bem assim. Pensar que me beneficieei da impunidade de meu pai desafiando suas proibições com Madalena é de uma imbecilidade risível. Na verdade, estava castigado de antemão.

Ou então, minha culpa foi acreditar nisso. Acreditei com tal veemência na minha condenação que não imaginei uma outra possibilidade.

Mesmo que seja tarde demais, imaginemos.

No Jardim das Oliveiras, Madalena teria vindo ao meu encontro. Depois de alguns beijos, ela teria me convencido a escolher a vida. Teríamos fugido juntos, teríamos ido morar em uma terra longínqua, aonde minha reputação não teria chegado, e ali teríamos levado a vida maravilhosa das pessoas comuns. Todas as noites teria adormecido abraçando minha mulher, todas as manhãs teria acordado ao lado dela. Não existe felicidade que se compare a essa hipótese.

O que não funciona nesta versão é que faço com que minha escolha dependa de Madalena. O que será que me impedia de ter essa ideia sozinho? A única coisa que



eu deveria ter feito era encontrá-la e estender-lhe a mão. Ela teria me acompanhado sem hesitar.

Se quer pensei nisso.

Milagres, realizei alguns. Agora, não poderia mais. Estou sofrendo excessivamente para acessar a casca. O poder da casca, somente o alcançava graças a uma inconsciência absoluta. O excesso da minha dor, de agora em diante, bloqueia o meu acesso a ele. Juro que se pudesse realizar um último milagre me livraria dessa cruz.

Maldito sonhador, será que vai parar de se flagelar? Sim, é a mim que estou falando assim.

É preciso que eu me perdoe. Por que será que não consigo?

Porque penso sobre o assunto. Quanto mais penso nisso, menos eu me perdo.

O que impede de perdoar é a reflexão.

Devo me perdoar sem pensar. Depende apenas de minha decisão, não do horror do meu ato. Devo aceitar que está feito.

Tinha dez anos e estava brincando com as crianças da aldeia, do alto de um penhasco elas se jogavam no lago, eu não conseguia. Um menino me disse:

- Precisa pular sem pensar.

Alcansei esse estado de vazio mental e pulei. Demorou muito antes que eu caísse na água. Adorei essa exaltação.

Preciso alcançar esse estado de vazio mental. Criar o nada lá onde reina a confusão. O que chamamos pomposamente de "pensamento" nunca passa de acufeno.

Consegui.

Eu me perdo.



SOIF
DE AMÉLIE NOTHOMB

Le moment est venu : je m'allonge sur la croix. Ce que j'ai porté me portera désormais. Je vois arriver les clous et les marteaux. J'ai du mal à respirer, tant j'ai peur. On me cloue les pieds et les mains. C'est rapide, j'ai à peine le temps de me rendre compte. Et puis on dresse ma croix entre celles de mes frères.

C'est là que je découvre cette souffrance incroyable. Avoir des clous au travers des paumes, ce n'était rien comparé à peser dessus, et ce qui est vrai des mains, se multiplie par mille pour les pieds. La règle, c'est surtout de ne pas bouger. Le moindre mouvement décuple une douleur déjà insoutenable.

Je me dis que je vais m'habituer, que les nerfs ne peuvent pas éprouver longtemps une horreur pareille. Je découvre qu'ils en sont hautement capables et que cet appareillage enregistre les variations les plus infimes comme les plus énormes.

Dire que quand je traînais cette croix, je pensais que le but de la vie consistait à ne pas porter de lourdes charges ! Le sens de la vie, c'est de ne pas souffrir. Voilà.

Il n'y a pas moyen d'en sortir. Je suis tout à ma douleur. Aucune idée, aucun souvenir ne peut me délivrer.

Je regarde ceux qui me regardent. « Quel effet cela fait-il, ce qui t'arrive ? » C'est ce que je lis dans les yeux innombrables, qu'ils soient compatissants ou cruels. Si je devais leur répondre, je ne trouverais pas les mots.

Je n'en veux pas aux cruels. D'abord, parce que la souffrance monopolise mes facultés, ensuite, parce que si ma douleur peut apporter du plaisir à quelqu'un, je préfère.

Madeleine est là. Voir ma mère m'avait déplu, voir mon amoureuse m'émeut. Elle est si belle que la compassion ne la défigure pas. Je souffre au point que mon âme hurle, même si ma bouche se tait, faute d'imaginer un cri qui convienne.

Le hurlement de mon âme pénètre Madeleine. Ce n'est pas une métaphore. Est-ce l'excès de douleur ou l'approche de la mort ? Je vois l'amour de Madeleine sous forme de rayons. Le mot rayon ne convient pas exactement, c'est à la fois plus délicat et plus rond, plus concentrique, c'est une onde lumineuse qui émane d'elle et que je reçois, et qui est aussi douce que ce que je lui donne est douloureux.



Je vois le hurlement de mon âme, ou plutôt mon âme sous forme de courant outré qui rejoint l'âme aimante de Madeleine et qui se mêle à la sienne. Et j'en éprouve, sinon un allègement, une très mystérieuse joie.

La soif, que j'avais conservée en guise de botte secrète, se rappelle à moi. C'était une excellente idée. L'extrême tourment de la gorge permet de sortir de l'horreur de mon corps déchiré, il y a un salut concret dans cette altération.

L'onde qui me relie à Madeleine est oblique et cette obliquité doit moins à ma position surélevée qu'au caractère de sa lumière bleue. Mon amoureuse et moi exultons en secret de ce que nous sommes seuls à savoir.

Et quand je dis seuls, cela signifie que mon père ne le sait pas. Il n'a pas de corps et l'absolu de l'amour que Madeleine et moi vivons en ce moment s'élève du corps comme la musique jaillit de l'instrument. On n'apprend des vérités si fortes qu'en ayant soif, qu'en éprouvant l'amour et en mourant : trois activités qui nécessitent un corps. L'âme y est indispensable aussi, bien sûr, mais ne peut en aucun cas y suffire.

Il y aurait de quoi rire. Je ne m'y risque pas, cela m'arracherait un spasme de douleur. S'il fallait en effet que je meure, il ne fallait en aucun cas que cela se passe de cette manière. J'ai affreusement peur de gâcher ma mort. Je pourrais bien manquer le grand moment, tant je souffre.

Cette crucifixion est une bévue. Le projet de mon père consistait à montrer jusqu'où on pouvait aller par amour. Si seulement cette idée n'était que sottise, elle pourrait demeurer inutile. Hélas, elle est nuisible jusqu'à l'épouvante. Des théories d'hommes vont choisir le martyr à cause de mon exemple imbécile. Et si ce n'était que cela ! Même ceux qui auront la sagesse d'opter pour une vie simple en seront contaminés. Car ce que mon père m'inflige témoigne d'un si profond mépris du corps qu'il en restera toujours quelque chose.

Père, tu as juste été dépassé par ton invention. Tu pourrais être fier de ce constat, qui prouve ton génie créateur. Au lieu de cela, sous couleur de donner une leçon d'amour édifiante, tu mets en scène la punition la plus hideuse et la plus lourde de conséquences qui se puisse imaginer.

Cela commençait bien, pourtant. Engendrer un fils solidement incarné, c'était une bonne histoire, tu aurais pu y apprendre beaucoup, si seulement tu avais eu à cœur de comprendre ce qui t'échappait. Tu es Dieu : quel sens cela peut-il avoir pour toi, cet



orgueil ? S'agit-il même de cela ? L'orgueil n'est pas mauvais. Non, j'y vois un trait ridicule : c'est de la susceptibilité.

Oui, tu es susceptible. Autre signe : tu ne supporteras pas les révélations différentes. Tu t'offusqueras que les hommes des antipodes ou d'à côté vivent la verticalité de diverses façons. Avec parfois des sacrifices humains que tu auras le culot de trouver barbares !

Père, pourquoi agis-tu avec petitesse ? Je blasphème ? C'est vrai. Châtie-moi donc. Peux-tu me châtier davantage ?

Dont acte : voici que je souffre encore mille fois plus fort. Pourquoi fais-tu cela ? Je te critique. Ai-je dit que je ne t'aimais pas ? Je t'en veux, je suis fâché contre toi. L'amour autorise de tels sentiments. Que sais-tu de l'amour ?

C'est bien cela le problème. Tu ne connais pas l'amour. L'amour est une histoire, il faut un corps pour la raconter. Ce que je viens de dire n'a aucun sens pour toi. Si seulement tu avais conscience de ton ignorance !

Ma douleur prend de telles proportions que j'espère mourir au plus vite. Je sais, hélas, que j'en ai encore pour longtemps. La flamme de la vie ne vacille pas. Surtout ne pas bouger, le moindre mouvement se paie au-delà du pensable. Voilà aussi qui est terrible avec l'indignation, c'est qu'elle entraîne un haut-le-corps : les indignés sont incapables d'immobilité.

Accepte, mon ami. Oui, c'est à moi que je parle. Éprouver de l'amitié pour soi-même, c'est ce qu'il faut. De l'amour, ce serait désagréable : l'amour entraîne des excès qu'il serait malsain de s'infliger. La haine, c'est pareil en plus injuste. Je suis mon ami, j'ai de l'affection pour l'homme que je suis.

Accepte, non que ce soit acceptable, mais parce que tu souffriras moins. Ne pas accepter, c'est bien quand c'est utile : ici cela ne servira à rien.

Ne disposes-tu pas d'un genre de tiercé gagnant ? Les trois situations les plus radicales, tu les as résumées : la soif, l'amour, la mort. Tu es à l'intersection des trois. Profite, mon ami. Ce verbe est abject. Je ne peux quand même pas dire « réjouis-toi », j'aurais l'air de me moquer de moi-même.

Le fait est là : c'est le cas de le dire, je vis une expérience cruciale. Je ne peux pas mettre de côté cette souffrance, alors je me plonge dans la soif pour, sinon y échapper, du moins biaiser.



Quelle soif grandiose ! Un chef-d'œuvre d'altération. Ma langue s'est transformée en pierre ponce, quand je la frotte contre mon palais, c'est abrasif. Explore ta soif, mon ami. Elle est un voyage, elle te conduit à une source, que c'est beau, entends-tu, oui, c'est la bonne chanson, il faut tendre l'oreille, il y a des musiques qui se méritent, ce tendre murmure me réjouit jusqu'à mes tréfonds, j'ai en bouche ce goût de pierre. Il y aura un pays si pauvre qu'en son idiome boire et manger seront un seul verbe employé avec la dernière parcimonie, boire, c'est un peu manger des galets liquides – non, cela ne fonctionne que si l'eau suinte, et dans mon voyage, elle ne suinte pas, elle jaillit, je me couche de manière à m'y aboucher, elle m'aime comme aime la source élue. Bois-moi sans limites mon aimé, que ta soif te comble et jamais ne s'éteint puisque ce mot n'existe en aucune langue.

Comment s'étonner que la soif mène à l'amour ? Aimer, cela commence toujours par boire avec quelqu'un. Peut-être parce qu'aucune sensation n'est si peu décevante. Une gorge sèche se figure l'eau comme l'extase et l'oasis est à l'épreuve de l'attente. Celui qui boit après le désert ne se dit jamais : « C'est surfait. » Offrir une boisson à celle que l'on s'apprête à aimer, c'est suggérer que la délectation sera au moins à la hauteur de l'espérance.

Je me suis incarné dans un pays de sécheresse. Il fallait non seulement que je naisse là où la soif exerçait son règne, mais aussi que sévisse la chaleur.

Pour le peu que je connais du froid, il eût faussé la donne. Ce n'est pas seulement qu'il endort la soif, c'est qu'il rétracte les sensations annexes. Celui qui a froid n'a que froid. Celui qui crève de chaud est très capable de souffrir en même temps de mille choses.

Je suis encore sacrament vivant. Je sue – d'où vient tout ce liquide ? Mon sang circule, il coule de mes plaies, la douleur bat son plein, j'ai si mal que la géographie de ma peau s'en trouve modifiée, j'ai l'impression que les zones les plus sensibles de ma personne se mettent désormais dans mes épaules et mes bras, c'est cette position qui est intolérable, dire qu'un être humain a eu un jour l'idée de la crucifixion, il fallait y penser, l'échec de mon père est dans ce constat, sa créature a inventé de tels supplices.



Aime ton prochain comme toi-même. Enseignement sublime dont je suis en train de professer le contraire. J'accepte cette mise à mort monstrueuse, humiliante, indécente, interminable : celui qui accepte cela ne s'aime pas.

Je peux me réfugier derrière l'erreur paternelle. En effet, son projet relevait de la bévue pure et simple. Mais moi, comment ai-je pu me tromper à ce point ? Pourquoi ai-je attendu d'être sur la croix pour m'en rendre compte ? Je l'avais soupçonné, certes, mais pas au point de refuser l'affaire.

L'excuse qui me vient à l'esprit, c'est que j'ai procédé comme n'importe qui : j'ai vécu au jour le jour sans trop réfléchir aux conséquences. J'aime cette version où je n'ai été qu'un homme – et comme j'ai aimé l'être !

Hélas, je ne peux pas me voiler la face, il y a eu autre chose de pire que la soumission au père, de pire que tout. L'amitié que je me suis accordée il y a peu arrive trop tard. Si j'ai accepté l'innommable, ce n'est pas uniquement en vertu d'une inconscience qui me disculperait, c'est parce qu'il y a en moi le poison commun : la haine de soi.

Comment ai-je pu l'attraper ? J'essaie de remonter dans ma mémoire. Dès que j'ai su à quoi j'étais voué, je me suis haï. Mais je me rappelle des souvenirs d'avant les souvenirs, des bribes où je ne disais pas je, où la conscience ne m'avait pas atteint, et où je ne me haïssais pas.

Je suis né innocent, quelque chose a été gâché, j'ignore comment. Je n'en accuse personne d'autre que moi. Étrange faute que celle que l'on commet vers l'âge de trois ans. S'en accuser augmente la haine de soi, absurdité supplémentaire. Il y a un vice de forme dans la création.

Et voici que, comme tout le monde, je rends mon père responsable de mon échec. Cela m'agace. Maudite soit la souffrance ! Sans elle, chercherait-on toujours un coupable ?

Ouvrier de la dernière heure, j'essaie enfin de devenir mon ami. Il faut que je me pardonne de m'être si gravement fourvoyé. Le plus difficile consiste à me convaincre de mon ignorance. Est-ce que vraiment je ne savais pas ?

Une voix intérieure m'assure que je savais. Alors, comment ai-je pu ? Se haïr soi-même est affreux, mais moi qui prêchais « Aime ton prochain comme toi-même », je suis forcé d'admettre la logique : comment ai-je pu haïr les autres ? Et les haïr à ce point ?



Cette comédie atroce n'était-elle donc que l'œuvre du diable ?

Oh, j'en ai assez de celui-là. Dès que ça foire, on l'invoque. C'est facile. Là où je suis, je m'autorise tous les blasphèmes : je ne crois pas au diable. Croire en lui, c'est inutile. Il y a bien assez de mal sur terre sans en rajouter une couche.

Les gens qui assistent à mon supplice sont pour la plupart ce qu'il est convenu d'appeler de bonnes personnes, je le dis sans ironie. Je regarde dans leurs yeux et j'y vois largement assez de mal pour fonder, non seulement ma mésaventure, mais aussi toutes celles passées et à venir. Même le regard de Madeleine en contient. Même le mien. Je ne connais pas mon regard, je sais pourtant ce qu'il y a en moi : j'ai accepté mon sort, je n'ai pas besoin d'un autre signe.

Ne pas se satisfaire de cette explication et nommer Diable ce qui n'est qu'une bassesse latente, c'est parer la mesquinerie d'un mot grandiose et donc lui attribuer un pouvoir mille fois supérieur. Une femme géniale dira un jour : « Je crains moins le démon que ceux qui craignent le démon. » Tout est dit.

D'aucuns diront que si l'on baptise le bien du nom de Dieu, il est fatal que l'on baptise aussi le mal. Où allez-vous chercher que Dieu est le bien ? Est-ce que j'ai l'air de l'être ? Est-ce que mon père, qui a imaginé ce que j'ai accepté, est crédible dans ce rôle ? Il ne le revendique pas, d'ailleurs. Il se veut amour. L'amour n'est pas le bien. Il y a une intersection entre les deux, et encore, pas toujours.

Et même ce qu'il déclare être, l'est-il ? La force de l'amour est parfois si difficile à différencier des courants qu'elle côtoie. C'est par amour envers sa création que mon père m'a livré. Trouvez-moi acte d'amour plus pervers.

Je ne m'en innocente pas. À trente-trois ans, j'ai eu plus que le temps de réfléchir à la scélératesse de cette histoire. Il n'existe pas une seule manière de la justifier. La légende affirme que j'expie les péchés de toute l'humanité qui précède. Quand ce serait vrai, que deviennent donc les péchés de l'humanité qui suivra ? Je ne peux pas plaider l'ignorance puisque je sais ce qui va se passer. Et même si je l'ignorais, quelle espèce d'imbécile faudrait-il être pour en douter ?

D'autre part, comment croire que mon supplice expie quoi que ce soit ? L'infini de ma souffrance n'efface en rien celle des malheureux qui l'ont endurée avant moi. L'idée même d'une expiation répugne par son absurde sadisme.



Si j'étais masochiste, je me pardonnerais. Je ne le suis pas : aucune trace de volupté dans l'horreur que j'éprouve. Il faut cependant que je me pardonne. Dans le fatras de paroles que je suis venu déverser, l'unique qui puisse sauver, c'est : pardon. Je suis en train d'en offrir un contre-exemple saisissant. Pardonner n'exige aucune contrepartie, c'est juste un élan du cœur qu'il s'agit de ressentir. Comment l'expliquer alors que je me sacrifie ? Imaginez un être qui dans l'idée de persuader les gens de devenir végétariens immolerait un agneau : on lui rirait au nez.

Et moi, je suis pile dans cette situation. Aime ton prochain comme toi-même, ne lui inflige pas ce que tu ne supporterais pas, s'il s'est mal conduit envers toi, n'exige pas sa punition, tourne la page avec générosité. Illustration : je me hais au point de m'infliger cette atrocité, ma punition est le prix à payer pour les erreurs que vous avez commises.

Comment ai-je pu en arriver là ? Il me vient peu à peu à l'esprit que cette accumulation de prétéritons représente le comble de l'argument a fortiori : si, au degré de culpabilité qui est le mien, je parviens à me pardonner, alors tout serait accompli.

En suis-je capable ?

Il y a mille manières d'envisager mon acte. Impossible de déterminer la plus abominable. Prenons celle qui sera officielle : je me sacrifie pour le bien de tous. Infect ! Un père mourant appelle ses enfants à son chevet et leur dit :

– Mes chéris, j'ai eu une vie de chien, je ne me suis autorisé aucun plaisir, j'ai exercé un métier détestable, je n'ai pas dépensé un sou, et tout cela je l'ai fait pour vous, pour que vous ayez un bel héritage.

Ceux qui appellent cette idée de l'amour sont des monstres. Je l'ai proférée. Ainsi, j'ai officialisé qu'il fallait se conduire de cette façon.

Prenons ma mère. Je le répète, c'est une femme meilleure que moi. Elle est si bonne qu'elle n'est pas là : elle sait que sa présence augmenterait mon mal. Pour autant, elle n'ignore pas ce qui m'arrive. Ce qu'elle subit est infiniment pire que ce que je subis, à cette différence colossale qu'elle ne l'a ni choisi ni accepté. Je suis celui qui inflige cette douleur à sa mère.



Madeleine : elle et moi, nous sommes reliés. Je suis amoureux d'elle comme elle est amoureuse de moi. Inversons l'actualité : je suis à sa place, j'assiste à la crucifixion de Madeleine en sachant qu'elle l'a voulue.

– Je vivais l'amour fou avec toi et, néanmoins, j'ai choisi le supplice public. Bonne nouvelle, amour : tu as le droit de me regarder.

Je peux continuer longtemps ainsi. Dans l'assemblée que j'ai sous les yeux, il y a des enfants. Avant la puberté, nous sommes autres, non pas innocents, nous sommes capables de nuire, mais nous n'avons pas de filtre, nous sommes de plain-pied avec tout. En cet instant, des êtres à ce point disponibles sont en train de se laisser imprégner par une telle abjection.

Suis-je capable de me pardonner ça ?

J'emploie ça à dessein. Cela pour dire la crucifixion, je refuse. C'est beaucoup trop élégant et précieux. Ce que je vis est laid et grossier. Si au moins je pouvais compter sur le rapide oubli des peuples ! Ce qui m'écrase le plus est de savoir qu'on va en parler pour les siècles des siècles, et pas pour décrier mon sort. Aucune souffrance humaine ne fera l'objet d'une aussi colossale glorification. On va me remercier pour ça. On va m'admirer pour ça. On va croire en moi pour ça.

Pour ça, que je ne parviens précisément pas à me pardonner. Je suis responsable du plus grand contresens de l'Histoire, et du plus délétère.

Je ne peux pas plaider la soumission à mon père. À son égard, j'ai accumulé les désobéissances. À commencer par Madeleine : je n'avais droit ni à la sexualité ni à l'état amoureux. Avec Madeleine, je n'ai pas hésité à passer outre. Et je n'ai pas été puni.

Mais non, voyons. Je suis d'un comique imbécile de penser que j'ai bénéficié de l'impunité de mon père en bravant ses interdits avec Madeleine. En vérité, j'étais châtié d'avance.

Ou alors, mon tort a-t-il été de le croire. J'ai tellement cru à ma condamnation que je n'ai pas imaginé une autre possibilité.

Même s'il n'est plus temps, imaginons.

Au Jardin des Oliviers, Madeleine serait venue me rejoindre. En quelques baisers, elle m'aurait convaincu de choisir la vie. Nous nous serions enfuis ensemble, nous serions allés habiter une terre lointaine, vierge de ma réputation, et nous y aurions coulé la merveilleuse existence des gens ordinaires. Chaque nuit, je me serais



endormi en serrant ma femme contre moi, chaque matin, je me serais réveillé auprès d'elle. Il n'y a pas de bonheur qui égale cette hypothèse.

Ce qui ne va pas dans cette version, c'est que je fais dépendre mon choix de Madeleine. Qu'est-ce qui m'empêchait d'avoir cette idée tout seul ? Je n'aurais eu qu'à la retrouver et à lui tendre la main. Elle m'aurait accompagné sans hésiter.

Je n'y ai même pas pensé.

Des miracles, j'en ai accompli. Là, je ne pourrais plus. Je souffre beaucoup trop pour accéder à l'écorce. Le pouvoir de l'écorce, je ne l'obtenais que grâce à une inconscience absolue. L'excès de ma douleur me barre désormais la route. Je jure que si je pouvais accomplir un dernier miracle, je me délivrerais de cette croix.

Espèce de songe-creux, vas-tu arrêter de te faire du mal ? Oui, c'est à moi que je parle ainsi.

Il faut que je me pardonne. Pourquoi est-ce que je n'y arrive pas ?

Parce que j'y pense. Plus j'y pense, moins je me pardonne.

Ce qui empêche de pardonner, c'est la réflexion.

Je dois me pardonner sans réfléchir. Cela ne dépend que de ma décision, pas de l'horreur de mon acte. Je dois décider que c'est fait.

J'avais dix ans, je jouais avec les enfants du village, on se jetait dans le lac du haut du surplomb, je n'y arrivais pas. Un gosse m'a dit :

– Il faut sauter sans réfléchir.

J'ai obtenu ce vide dans ma tête et j'ai sauté. Il s'est passé longtemps avant que je me retrouve dans l'eau. J'ai adoré cette exaltation.

Il faut que j'obtienne ce vide dans ma tête. Créer du rien là où sévit le vacarme. Ce qu'on appelle pompeusement « pensée » n'est jamais qu'un acouphène.

J'y suis.

Je me pardonne.

Biografia da Autora

Amélie Nothomb, escritora belga, nasceu em 13 de agosto de 1967 em Kobe, no Japão, onde o pai trabalhava como diplomata.



Em 20 anos de carreira, Nothomb já recebeu o *Grand Prix du Roman*, da Academia Francesa de Letras em 1999, o *Grand Prix Jean Giono*, pelo conjunto de sua obra, e o *Prix de Flore* em 2007.

O estilo da autora combina humor peculiar e realismo mágico. Já escreveu inúmeros *best sellers* desde seu primeiro romance. Acredita que escrever é uma graça pela qual escritores e escritoras devem tornar-se disponíveis e que o seu papel é o de ajudar os seus leitores e as suas leitoras a encontrar um sentido para suas vidas.

Resumo da Obra

Publicado em 2019, *Soif* é o vigésimo oitavo romance da prolífica escritora belga, bastante conhecida, principalmente em solo francês, Amélie Nothomb. Ela o classifica em uma entrevista como “o romance de sua vida”, que trata de nada menos que Jesus Cristo em sua crucificação, bem como dos momentos que a antecedem e a sucedem. Escrito em primeira pessoa, na voz de Cristo, mas em linguagem acessível, a empreitada ambiciosa da autora aborda, através de monólogos interiores, o lado humano de Jesus, aquele que é capaz de ceder aos prazeres terrestres, desejar ser uma pessoa comum, e até mesmo negar seu pai. O salvador de Nothomb se comunica com o leitor durante os piores momentos de seu sacrifício, e os trechos de sua crucificação, lentos e angustiantes tanto para ele como para o leitor, foram traduzidos no trabalho em questão. O romance foi um dos quatro indicados ao prêmio literário mais prestigioso da França, o *Goncourt*, em 2019.

Projeto de Tradução

Mesmo sabendo dos desafios da tarefa tradutória, o contato que tivemos com a obra *Soif* durante a escolha do prêmio literário *Choix Goncourt du Brésil 2020*, despertou em nós o interesse por traduzi-la, impulsionados ainda pelo fato de a obra não possuir, até então, uma tradução em língua portuguesa e pela oportunidade de termos uma primeira experiência como tradutores.

A tarefa serviu para demonstrar o quão complexo pode ser o ato da tradução literária, principalmente para tradutores iniciantes, já que não são somente os



aspectos linguísticos que precisam ser considerados. Além desses, na grande maioria das vezes, é preciso considerar aspectos históricos, sociais, políticos, entre outros.

Sobre o trecho escolhido, foi levado em consideração um dos momentos de maior humanização do Jesus de Nothomb. O filho encarnado começa a questionar, tanto a si mesmo quanto o projeto de seu pai. Isso dá ao trecho em questão um caráter bem mais reflexivo e repleto de ideias abstratas e filosóficas, no qual cria-se o clímax do livro, que vem justamente antes da consumação da crucificação. É o maior momento de distanciamento do personagem da autora para com o bíblico, e nele são proporcionadas as melhores e mais desafiadoras experiências de leitura e tradução.

Em relação ao projeto tradutório, do seu início até sua conclusão, foram seguidos os seguintes passos: o trecho escolhido foi subdividido em cinco partes menores, sendo que cada uma delas era traduzida individualmente pelos tradutores envolvidos no projeto. Cada parte era enviada para a orientadora para as primeiras observações e, após essa etapa, encontros semanais com os três envolvidos eram realizados para discussão dos mínimos detalhes de ambas as escolhas tradutórias. Após revisarmos parte por parte, foram realizadas duas revisões da tradução do trecho da obra escolhido antes de submetê-la à avaliação dos pareceristas. Assim, através da tomada coletiva de decisões, as escolhas tradutórias consideradas mais apropriadas foram feitas, e foi dessa maneira que a trajetória do projeto foi trilhada.

Com o intuito de conservar a semântica do texto original, as particularidades das terminologias de origem bíblica propositalmente escolhidas pela autora, o ritmo de sua linguagem e mesmo seu estilo excêntrico de escrita, que proporciona, em alguns momentos, mesmo para leitores nativos da língua na qual a obra foi escrita, certo estranhamento na leitura (percepção relatada pela orientadora que é falante nativa de língua francesa). Quando realizado por somente uma pessoa, o ato tradutório já envolve uma infinidade de possibilidades no que se refere à tradução da mais simples das palavras ou expressões. Considerando o fato que a tradução foi realizada por duas pessoas e discutida a três, a complexidade se potencializa. Diversos termos foram revisados e reconsiderados várias vezes, só para serem novamente ajustados a cada nova leitura global.



Pelo fato de a autora escrever de uma maneira bem própria, apareceram algumas dificuldades na trajetória tradutória. Todavia, por meio de inúmeras discussões entre os tradutores e a revisora, tais situações foram contornadas.

A seguir serão apresentadas algumas das escolhas tradutórias que mais geraram discussões ao longo do processo tradutório:

Quadro 1

Original	Tradução
<i>à peser dessus,</i>	à sensação do meu corpo pesando neles

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Peser dessus denota a sensação do peso incidindo sobre algo. A tradução literal para pesar causaria estranhamento e ambiguidade. Devido a isso, optamos pela expressão citada anteriormente, que retoma a ideia da dor produzida, que poderia ter sido perdida, a depender da escolha feita quanto aos termos.

Quadro 2

Original	Tradução
<i>Ne disposes-tu pas d'un genre de tiercé gagnant ?</i>	Será que você não tem em mãos um tipo de bilhete premiado?

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

A tradução dessa frase foi retomada várias vezes, pois a ideia era manter o sentido de triplo que a expressão “*tiercé gagnant*” (expressão que não causa estranhamento em francês, já que na cultura francesa a aposta em corridas de cavalo é algo relativamente comum). Embora tenha sido encontrada a expressão trifeta vencedora¹³⁷ que é a equivalente em português, pelo estranhamento que ela causa

¹³⁷ N. do T. “Trifeta consiste em acertar a ordem de chegada dos três primeiros cavalos”. As apostas em português são denominadas vencedoras ou perdedoras. A palavra ganhador(a) é para referenciar



nos leitores em língua portuguesa, optou-se por usar uma expressão mais familiar para tal público, e depois de várias discussões, decidimos pela expressão conforme apresentada anteriormente.

Quadro 3

Original	Tradução
<i>moyen de s'en sortir</i>	escapatória

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Encontramos como solução para a expressão a palavra *escapatória* que carrega em sua semântica o pronome “*en*” da expressão usada em francês.

Quadro 4

Original	Tradução
<i>botte secrète</i>	carta na manga

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

A expressão em francês faz referência a uma estratégia utilizada na esgrima, conforme cita Alves (2018, p. 62). Na tentativa de guardar a mesma ideia de algo que surpreende, optou-se pela expressão *carta na manga*.

Embora *Soif* não seja, de forma alguma, um livro religioso, mas pelo fato de contar a paixão de Cristo sob outro ponto de vista, diferente dos apóstolos Mateus, Marcos, Lucas e João (eles descrevem essa passagem da vida de Cristo essencialmente da mesma maneira), a bíblia sagrada, assim como conhecimentos bíblicos prévios dos tradutores, foram de grande importância para algumas tomadas de decisões relativas às escolhas tradutórias conforme referenciadas em algumas notas ao longo da tradução.

os(as) apostadores(as). LABRONICI, Rômulo. Na pata do cavalo: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Club Brasileiro. Rio de Janeiro : Autografia, 2017.



Para uma primeira experiência tradutória, constatou-se que a tarefa do tradutor vai muito além de consultas a dicionários e gramáticas. É preciso ter em mente que o escritor/a escritora lança em sua obra as suas percepções de mundo. Na tentativa de revelá-las ao leitor da língua alvo, é preciso que o tradutor imprima esforços para mergulhar no universo em que a obra foi escrita e, assim, consiga um resultado satisfatório que, na versão traduzida do trecho da obra em questão, se tratava de levar o leitor de língua portuguesa a Nothomb.

REFERÊNCIAS

ALVES, Tabea Epp Kuster. **Entre espadas, floretes e sabres: uma história da civilização dos costumes na esgrima**. Tese (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2018, 95 p.

BÍBLIA. NVI: **A bíblia do século 21**. Tradução de Luiz Sayão. São Paulo: Vida, 2001, 2448 p.

CENTRE NATIONAL DE RESSOURCES TEXTUELLES ET LEXICALES. CNRTL Portail. Disponível em : <<http://www.cnrtl.fr/portail/>>. Acesso em 05 de mai. 2021.

EBERHARDT, Isabelle. **Contes et paysages**. Paris: La Connaissance, 1925, 167 p.

LABRONICI, Rômulo. **Na pata do cavalo**: um estudo etnográfico com apostadores do turfe em agências credenciadas do Jockey Club Brasileiro. Rio de Janeiro: Autografia, 2017, 334 p.

LAROUSSE. **Dictionnaire Larousse de Poche**. Paris: Larousse, 2016, 1036 p.

LAROUSSE. **Dicionário Larousse Francês/Português-Português/Francês**: mini. São Paulo: Larousse do Brasil, 2008, 287 p.

NOTHOMB, Amélie. **Soif**. Paris: Albin Michel, 2019, 67 p.

NOTHOMB, Amélie. **Amélie Nothomb**. Disponível em: <<http://www.amelie-nothomb.com/amelie-nothomb/>>. Acesso em: 15 de jul. de 2021.

OLIVEIRA, Ricardo Mariz de. **Parábola dos trabalhadores da última hora** – Mateus 20,1-16, 2020. Disponível em: <<http://ujucasp.org.br/site/2020/09/17/parabola-dos-trabalhadores-da-ultima-hora-mateus-201-16/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2021.



Biografia dos tradutores e da revisora

Edison Fabris Junior é bacharel em Engenharia Industrial Mecânica pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Atualmente é estudante de Letras Francês na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem interesse nos seguintes temas: ensino do francês língua estrangeira, literatura francesa e tradução.

Raphael Miecznikowski Maciel é estudante de Letras Francês na Universidade Federal do Paraná (UFPR), Professor Estagiário do Centro de Línguas e Interculturalidade (CELIN). Tem interesse nos seguintes temas: ensino do francês língua estrangeira e tradução.

Nathalie A. M. Dessartre é professora adjunta da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Lingüística Aplicada, Análise Conversacional, atuando principalmente nos seguintes temas: didática do francês língua estrangeira e tradução.